

GODECHOT, Jacques. *Las revoluciones (1770 – 1799)*. Barcelona: Editorial Labor, 1969, pp. 178-190 (“Revolución Francesa o revolución occidental?”).

Trabalho de conclusão da disciplina de História das Relações Internacionais II – História Contemporânea, do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo, elaborado durante o segundo semestre de 2017 sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Medina Zagni.

Amanda Pires Correia.¹

O cenário político na França do século XVIII atendia os interesses de poucos, dado a existência de um monarca concentrando o poder, uma classe nobiliárquica parasitária deste, uma burguesia que visava ascender politicamente e uma grande massa de camponeses e trabalhadores urbanos a mercê de todos esses. Dentro desse espaço iniciou-se uma disputa entre membros da nobreza e da burguesia por cargos administrativos, sendo que a primeira almejava a manutenção de seus privilégios e a outra maior liberdade comercial. Enquanto isso uma grande massa sofria com a negligência do Estado, passando fome, por exemplo, graças à política expansionista deste.

Nesse contexto, a burguesia se aproxima da camada popular com um discurso falacioso de liberdade, dado que os burgueses tinham por interesse o fim do absolutismo para sua ascensão política com o objetivo de livrar-se do monopólio econômico do Estado.

Em 1789 rompe a Revolução, que apesar de parecer popular tinha um caráter estritamente burguês. Aparentemente popular, porque uma multidão saiu às ruas de Paris em direção a Bastilha, que além de prisão era onde se guardavam as armas do exército, ou seja, a sua tomada pela população implica em retirar o monopólio do Estado sobre a violência legítima. A Revolução continua a desenrolar-se de maneira violenta, visto que o rei, sob a esquerda jacobina, é condenado à guilhotina e que em 1793 inicia-se “O Terror”.

Por fim, percebe-se que a Revolução Francesa é um grande marco na história europeia, entretanto esta não é a única revolução que rompeu com

¹ Aluna do segundo termo do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo.

padrões de opressão, visto que apesar das particularidades de cada região na Europa, as estruturas sociais eram semelhantes. Além de casos anteriores como, por exemplo, a Guerra de Independência Americana em 1775. “No hay, propiamente hablando, una revolución francesa: hay una revolución europea, que tiene a Francia en su cumbre. (...) ... gran movimiento que había afectado a toda la Europa Occidental y a América del Norte.”²

É nesse sentido, de que não foram somente os franceses que fizeram uma grande revolução e nem de que esta foi um modelo para outras, que Jacques Godechot apresenta, em *Las Revoluciones (1770-1799)*, uma discussão, datada de 1969, sobre o estudo “universal da história” e que trata esse período do século XVIII como uma “revolução ocidental” ou “atlântica”, devido à localização dos países em que ocorreram.

Hacia mediados del siglo XX empieza a perfilarse una reacción contra la idea de la revolución “francesa”. Este movimiento es la consecuencia, por una parte, de lá visión cada vez más universalista de la historia, y, por otra parte, del desarrollo de los estudios históricos sobre el período revolucionario en Estados Unidos, en Holanda, en Italia y en general en los diversos países que habían sido afectados por el movimiento revolucionario.³

Contudo, apesar de Godechot considerar um período de 1770-1799, no capítulo II de seu livro: “*Las revoluciones (1770-1790)*”, intitulado “*Revolución Francesa o revolución occidental?*”, no qual é apresentado o conceito de estudo “universal da história”, o autor aborda os casos de revolução que ocorreram na Europa e na América do Norte. No entanto, esquece-se de processos notáveis no mundo extra europeu como, por exemplo, uma revolução liderada por escravos no Haiti iniciada no século XVIII (1791).

Nessa perspectiva, deve-se questionar o porquê de a Revolução Francesa ter sido estudada como uma “revolução modelo” e que teria influenciado as demais revoluções políticas na Europa Ocidental, mesmo que a Revolução Americana tenha ocorrido 14 anos antes ela estaria atada ao processo revolucionário francês. Para responder tal impasse basta olhar para o estudo da história em geral, pois se priorizam os fatos ocorridos na Europa desde a Antiguidade e só é relevado o continente americano após o empreendimento

² GODECHOT, Jaques. *Las revoluciones (1770-1799)*. Barcelona: Editorial Labor, 1969, p.178.

³ Ibid.p.179.

colonizador europeu, como *locus* de desdobramentos de uma História eminentemente europeia. Logo, observa-se que há um estudo eurocêntrico da História, e que apesar da iniciativa do século XX ser a de uma “história universal”, esta ainda tem como protagonistas os Estados europeus e aqueles que se encontram na parte superior do globo, ou seja, o estudo da história é seletivo. Assim sendo, seleciona aqueles mais desenvolvidos economicamente no sistema-mundo capitalista; também é importante ressaltar que esse sistema se iniciou na Europa, visto que a burguesia mercantil logrou protagonizar uma revolução política, portanto contar a sua história desde a sua perspectiva implica em legitimar e perpetuar a ordem econômica vigente e, nela, suas desigualdades.

Sendo assim, nota-se que há apenas um padrão e uma visão de mundo que acabam sendo difundidos pela historiografia tradicional e reproduzidos em livros didáticos. Um dos principais problemas dessa seleção, não reside somente no ocultamento de processos históricos e, neles, de seus protagonistas; mas também na perda da oportunidade de estudarem-se culturas e civilizações distintas da europeia e dobradas por ela à força colonizadora.

Por conseguinte, um estudo “verdadeiramente universal” da História levaria em conta os processos fora do padrão civilizatório intra-europeu e permitiria uma percepção de baixo para cima, uma visão daqueles que sofreram com as imposições do modelo de civilização europeu, seja este anterior ou posterior a qualquer revolução.